

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO DOUTORADO SOBRE A CARREIRA: ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DE DOCTORES EM PSICOLOGIA

*PSYCHOSOCIAL IMPACTS OF THE DOCTORATE ON CAREERS: AN
ANALYSIS BASED ON THE NARRATIVES OF DOCTORAL PSYCHOLOGISTS*

*IMPACTOS PSICOSOCIALES DEL DOCTORADO SOBRE LA CARRERA:
ANÁLISIS DESDE LAS NARRATIVAS
DE DOCTORES EN PSICOLOGÍA*

FABRÍCIO APARECIDO BUENO

Doutorando em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte
– MG.

fabricaopbueno@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1351-6666>

MARCELO AFONSO RIBEIRO

Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Livre-Docente na
Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP.

marcelopsi@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0396-7693>

ANA MARIA JACÓ-VILELA

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo
(USP). Professora Titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro
– RJ.

jaco.ana@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0728-8700>

SÉRGIO DIAS CIRINO

Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular na
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG.

sergiocirino99@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-5835-0068>

Recebido em: 04/10/2023

Aceito em: 02/04/2024

Publicado em: 20/12/2024

Resumo

Neste artigo, são apresentados os resultados de um estudo que visou analisar os impactos da formação e da titulação doutoral sobre a carreira de psicólogos egressos de um programa de doutorado em Psicologia. Partindo de um enfoque psicossocial sobre a noção de carreira, a pesquisa, de base qualitativa, estruturou-se em torno da análise da narrativa de quatorze egressos, titulados no referido

programa entre 2012 e 2018. Tais narrativas foram produzidas através de entrevistas semiestruturadas, no âmbito das quais os participantes, com diferentes perfis de trajetórias profissionais, foram estimulados a falarem sobre suas trajetórias de vida de trabalho antes, durante e após o doutoramento. Em linhas gerais, o estudo permitiu evidenciar o quanto a titulação doutoral continua a exercer um efeito importante sobre o alargamento das perspectivas de carreira, embora traga também indícios de que tais efeitos vêm sendo mitigados por processos de precarização das condições de trabalho na área acadêmica, fruto do espalhamento de políticas e princípios de viés neoliberalizante na educação superior.

Palavras-chave: Doutorado; Carreira; Abordagem psicossocial; Trajetórias.

Abstract

This article presents the results of a study that aims to analyze the impacts of A PhD training and the degree award on psychologists' careers who graduated in a doctoral program in Psychology. Starting from a psychosocial focus on the notion of career, the qualitative-based research was structured on the analysis of fourteen narratives from graduates who were qualified in the aforementioned program between 2012 and 2018. The narratives came into light through semi-structured interviews in which participants, with diverse profiles of professional trajectories, were encouraged to talk about their working experience before, during and after their doctorate training. In general, the study highlights how much the doctoral degree continues to have an important effect on the broadening of career prospects, although it also provides evidence that such effects are being mitigated by processes of precarious working conditions in the academic area, caused by the spreading influence of neoliberal policies and principles in higher education.

Keywords: Doctorate; Career; Psychosocial approach; Trajectories.

Resumen

En el presente artículo presentamos los resultados de un estudio que tuvo como objetivo analizar los impactos de la formación y de la titulación de doctorado en la carrera de psicólogos egresados de un programa de doctorado en Psicología. Teniendo como punto de partida un enfoque psicossocial sobre la noción de carrera, la investigación, de base cualitativa, se estructuró en el análisis de la narrativa de catorce egresados, que recibieron sus títulos en el referido programa entre los años de 2012 y 2018. Dichas narrativas se produjeron a través de entrevistas semiestructuradas en el ámbito de las cuales los participantes, con diferentes perfiles de trayectorias profesionales, fueron estimulados a hablar sobre sus trayectorias de vida laboral antes, durante y después de los estudios doctorales. En líneas generales, el estudio permite evidenciar cuánto la titulación doctoral continúa a ejercer un efecto significativo sobre la ampliación de perspectivas en la carrera, aunque también presente indicios de que dichos efectos van siendo mitigados por procesos de precarización de las condiciones laborales en el área académica, resultado de la adopción de políticas y principios del neoliberalismo en la educación superior.

Palabras clave: Doctorado; Carrera; Abordaje psicossocial; Trayectorias.

1 Introdução

O doutorado corresponde ao mais alto grau de titulação do sistema educacional brasileiro. A conclusão do doutoramento marca – pelo menos de um ponto de vista formal – o coroamento de uma trajetória formativa que confere aos egressos¹ dessa modalidade a certificação de pesquisador especialista em uma dada área do conhecimento. Mas o que, afinal, acontece na vida de trabalho de um doutor após a conclusão do doutorado? Quais as repercussões da titulação e das experiências proporcionadas pela formação doutoral na carreira daqueles que se titulam nessa modalidade de pós-graduação?

A literatura acadêmica brasileira é escassa de análises e discussões acerca dos impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre a vida de trabalho dos seus egressos. Essa carência se torna particularmente preocupante em um cenário no qual passa a ser cada vez mais frequente a procura de pós-graduandos e pós-graduados por serviços de orientação e planejamento de carreira (Silva; Bardagi, 2015). Temos poucas informações sobre como se dá o processo de transição da condição de doutorando para a de doutor, especialmente no que diz respeito a aspectos como características do mercado de trabalho, satisfação dos egressos com o emprego, relação mantida com a pesquisa após a titulação dentre outros elementos.

Visando contribuir com a atenuação dessa lacuna, este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar trajetórias de vida de trabalho de egressos de um programa de doutorado em Psicologia, a fim de compreender os impactos da formação e da titulação doutoral sobre os seguintes aspectos: condições e perspectivas de inserção profissional, construções identitárias relativas ao trabalho e projetos de carreira nos anos posteriores ao término do doutoramento. Nossa expectativa, em suma, é a de que este estudo possa contribuir para a compreensão de como a experiência proporcionada pela formação doutoral repercute na vida de trabalho dos egressos/doutores nos diferentes contextos laborais, seja na esfera da atuação acadêmica, seja fora dela.

Para o desenvolvimento deste estudo, partimos de uma compreensão da carreira como um fenômeno psicossocial em diálogo com a perspectiva analítica proposta por Ribeiro (2014). A

¹ Por egresso entendemos como “[...] todos aqueles que de fato concluíram os estudos regulares de um programa universitário. No caso das universidades, o termo é usado para aqueles que são elegíveis para receber o diploma” (Knabem; Ribeiro; Duarte, 2018, p. 107, tradução nossa). No caso específico do nível doutoral, refere-se àqueles que concluíram o programa de doutoramento.

adoção desse referencial teórico-analítico trouxe como principal implicação para a pesquisa uma ênfase sobre a narrativa das pessoas e de como estas atribuem sentido às suas trajetórias de vida de trabalho. Em consonância com essa abordagem, estruturamos uma investigação empírica de cunho qualitativo, cuja coleta de dados se deu mediante entrevista com 14 egressos do doutorado em Psicologia de uma universidade pública de Minas Gerais.

A exposição das contribuições advindas da análise do material narrativo produzido pelas entrevistas consiste no propósito principal deste artigo. Entretanto, a título de contextualização da pesquisa, apresentamos, preliminarmente à exposição e discussão dos resultados, um panorama da literatura que aborda a interface entre pós-graduação *stricto sensu* e carreira, além de uma síntese dos referenciais teóricos que fundamentam a abordagem psicossocial da carreira e um esboço do delineamento metodológico que norteou a investigação.

2 A vida profissional depois da pós-graduação *stricto sensu*: análise da literatura

É comum encontrarmos, nos estudos que discutem a pós-graduação *stricto sensu* brasileira, a ressalva de que o campo carece ainda de avanços na compreensão sobre os resultados da expansão registrada pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) ao longo das últimas cinco décadas (Alves; Oliveira, 2014; Cirani; Campanário; Silva, 2015; Santos, 2021). Contudo, pouco é discutido acerca da importância de se analisar os impactos dessa expansão sobre a carreira dos egressos pós-graduados. A insuficiência da atenção dada a essa temática se reflete na relativa escassez de investigações produzidas no país sobre o que acontece na vida de trabalho daqueles que se titulam em cursos de mestrado e doutorado.

Em âmbito internacional, a análise da literatura mostra uma realidade mais promissora do ponto de vista da importância científica conferida a essa questão. Um levantamento bibliográfico de grande envergadura acerca de estudos que abordaram a relação entre pós-graduação e carreira de pós-graduados foi produzido por Leonard *et al.* (2006), que analisaram pesquisas desenvolvidas no Reino Unido. Algumas conclusões possibilitadas por essa revisão merecem ser destacadas. Os autores ressaltam que somente nos últimos 20 anos que antecederam a realização do levantamento é que se começa a observar o crescimento da produção de pesquisas interessadas em analisar aspectos da carreira de pesquisadores recém-

formados. Considerando que o aludido levantamento foi publicado em 2006, é possível concluir que, no contexto europeu, a tradição de pesquisas com egressos da pós-graduação *stricto sensu* vem se consolidando desde os anos finais do século XX, tendência que, no Brasil, como veremos, somente começa a ser observada nos anos iniciais do século XXI.

Outra informação que salta aos olhos, no levantamento em questão, diz respeito à constatação de que, dentre as pesquisas analisadas, são poucas as que se dedicaram a focar a perspectiva de seus participantes acerca das experiências por eles vivenciadas no curso de suas trajetórias formativas e de inserção na vida de trabalho. Segundo os autores desse estudo, a maioria das pesquisas localizadas limitou-se a examinar exclusivamente aspectos objetivos das experiências dos participantes da pesquisa, tais como duração e taxas de conclusão do curso, destinos profissionais e empregabilidade pós-titulação. Como trataremos adiante, essa é também uma característica que marca, de maneira recorrente, os estudos brasileiros com egressos da pós-graduação *stricto sensu*.

Em outra revisão acerca da mesma temática, agora enfocando uma literatura mais ampla produzida em diferentes países europeus, Evans (2011) constata haver um crescimento do interesse acadêmico pela análise da carreira de pesquisadores recém-doutores, o que evidencia a atualidade da temática desenvolvida pelo presente artigo no bojo da agenda mundial de investigações acerca da relação entre pós-graduação e carreira. Entretanto, tomando por base essas revisões de literatura em âmbito internacional, é preciso ressaltar, conforme oportunamente observado por McAlpine e Amundsen (2018), que o interesse pela investigação de doutores ainda está fortemente concentrado nas trajetórias de egressos que optam por carreiras na área acadêmica, sendo pouco conhecidas as experiências daqueles inseridos em outros contextos de atuação que não o universo da pesquisa e/ou da docência.

Já em âmbito nacional, o exame mais audacioso e completo realizado a respeito de informações sobre a vida de trabalho de pós-graduados ocorreu há mais de duas décadas, tendo sido coordenado por Velloso (2002, 2003) com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Tal projeto foi constituído por um vasto conjunto de investigações conduzidas com egressos de cursos de diferentes áreas de formação². Desde

² Os resultados dessas investigações estão reunidos em dois volumes intitulados “A Pós-Graduação no Brasil:

então, o que temos são exemplos de iniciativas de pesquisas isoladas e geralmente focalizadas em aspectos que nem sempre dizem respeito especificamente às experiências de trabalho dos egressos, concentrando-se em elementos mais pontuais, como destinos profissionais, áreas de atuação, competências desenvolvidas no curso, dentre outros indicadores (Barbosa *et al.*, 2009; Hortale *et al.*, 2014). Além do mais, tal como apontado na análise dos estudos internacionais, prevalece, nas pesquisas produzidas no Brasil, uma tendência de se focar, de maneira mais recorrente, os aspectos objetivos da carreira dos egressos – empregabilidade, renda, vínculos trabalhistas – em claro detrimento da preocupação em se compreender as dimensões subjetivas e as experiências vivenciadas pelas pessoas investigadas.

Quanto a estudos desenvolvidos especificamente com egressos da pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia, as duas únicas referências encontradas foram a pesquisa desenvolvida por Weber (2003), integrante do já mencionado projeto coordenado por Velloso (2002, 2003) sobre a pós-graduação *stricto sensu* brasileira, e a dissertação de mestrado desenvolvida por Charles (2020) a respeito dos egressos do Doutorado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No que diz respeito ao primeiro, é importante levar em conta se tratar de um estudo realizado há mais de duas décadas. De lá para cá, houve uma expressiva modificação no cenário da pós-graduação *stricto sensu* brasileira, o que evidencia a necessidade de pesquisas que se dediquem a analisar egressos titulados em períodos mais recentes. Já o estudo produzido por Charles (2020) é uma pesquisa exploratória conduzida com um público similar ao focado por este trabalho. O autor realiza uma análise panorâmica das informações constantes nos currículos profissionais e acadêmicos dos egressos do doutorado em Psicologia da UFMG, com ênfase no levantamento de informações sobre as trajetórias formativas e de vida de trabalho dos titulados nesse programa entre 2012 e 2018. No entanto, por limitações inerentes à metodologia de coleta de dados empregada na referida pesquisa – restrita à análise documental das informações prestadas pelos egressos em seus currículos –, alguns aspectos que caracterizam a vida de trabalho dos egressos, tais como vínculos de trabalhos atuais, natureza dos vínculos empregatícios e renda, não puderam ser contemplados ou foram abordados de maneira parcial,

formação e trabalho de mestres e doutores no país”, sendo o primeiro referente a investigações conduzidas com egressos de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração, Agronomia, Bioquímica, Clínica Médica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física, Química e Sociologia (Velloso, 2002), e o segundo com egressos pós-graduados nas áreas de Direito, Economia, Engenharia Mecânica, Geociências, Odontologia e Psicologia (Velloso, 2003).

devido a desatualizações ou imprecisões no preenchimento dos currículos examinados.

A análise da literatura produzida sobre a relação entre pós-graduação e carreira nos conduz à conclusão de que dispomos de informações insuficientes a respeito dos impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre a vida de trabalho de egressos de programas de mestrado e doutorado, inclusive da área de Psicologia. É nesse contexto que identificamos a conveniência da proposição desta pesquisa que tem como eixo central de investigação a análise dos impactos do doutoramento sobre a carreira de psicólogos doutores³. Contudo, diferentemente da tendência predominante na literatura que trata sobre essa temática, neste estudo, adotamos uma perspectiva teórica que focaliza a carreira a partir de uma abordagem psicossocial, cujos pressupostos epistemológicos e analíticos nos dedicaremos a explicitar na seção seguinte.

3 A carreira pós-titulação doutoral: fundamentos de uma abordagem psicossocial

Historicamente é possível situar o surgimento das pesquisas com egressos do ensino superior nos anos 1960, no contexto dos países que primeiro passaram por uma expansão dos sistemas do ensino universitário. As preocupações em analisar os destinos e as características da inserção na vida de trabalho de um contingente cada vez mais ampliado de trabalhadores formados pelas instituições de ensino superior (IES) ganham relevância em uma conjuntura, na qual transformações de diferentes ordens passam também a ocorrer nos mundos do trabalho⁴.

Embora relativamente incipientes no cenário científico brasileiro, as pesquisas sobre egressos se apresentam como um recurso de especial pertinência para se analisar fenômenos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho. O pressuposto que guia essa constatação é o de que uma maior compreensão acerca das diferentes formas de vivenciar os processos de transição para a esfera do trabalho após concluída a formação, bem como os fatores sociais envolvidos nesses processos tendem a trazer informações relevantes não só para o debate

³ A razão para se trabalhar somente com egressos que possuam graduação em Psicologia guarda relação com um dos recortes analíticos do presente estudo, qual seja o de focar os impactos do doutorado em Psicologia especificamente sobre a carreira profissional de psicólogos. Essa delimitação se fez necessária tendo em vista o reconhecimento de que a análise dos impactos que a realização de uma pós-graduação *stricto sensu* em área distinta da formação inicial tem sobre a carreira daqueles que seguem esse tipo de percurso comporta especificidades que merecem o tratamento em um estudo à parte, até mesmo em razão das próprias características que particularizam o campo de trabalho e as perspectivas de carreira entre as diferentes áreas ou profissões.

⁴ Por mundos do trabalho compreendemos as variadas maneiras de relações com o mundo por meio do trabalho, configurando vínculos, posições e lugares diferenciados para sua realização (Hobsbawm, 1987).

em torno da formação profissional, como também para o planejamento e a orientação de carreira dos atuais e futuros estudantes que almejam seguir trajetórias formativas semelhantes (Paul, 2015).

Não existe, entretanto, uma única maneira de se pesquisar egressos do ensino superior, razão pela qual a explicitação do referencial teórico-analítico que norteia a realização de um estudo nessa área mostra-se de suma importância para delimitar não só o escopo de investigação, mas também a identidade da pesquisa em meio a um universo tão amplo de possíveis problematizações. Neste artigo, tendo em vista o interesse de se construir uma análise capaz de alcançar tanto aspectos da dimensão objetiva como da dimensão subjetiva que permeiam as experiências e os percursos profissionais dos egressos pesquisados, recorreremos à interlocução com a abordagem psicossocial da carreira, proposta por Ribeiro (2014), pelo fato de visualizarmos, nesse referencial, o potencial para subsidiar uma apreciação das trajetórias devida de trabalho centrada na premissa da indissociabilidade entre aspectos sociais e subjetivos.

Essa abordagem teórico-metodológica ancora-se nos pressupostos analíticos do construcionismo social – ou perspectiva socioconstrucionista. Do ponto de vista epistemológico, o construcionismo social se caracteriza fundamentalmente por buscar compreender a forma como o mundo vem a ser dotado de significado e como esses significados socioconstrucionista são reproduzidos e transformados na e pela prática social, estando a linguagem no centro desse processo. A linguagem não é encarada como um simples espelho da realidade, mas como um dispositivo de criação da própria realidade. Partindo dessa premissa, a perspectiva socioconstrucionista sobre a temática da carreira considera que, como um fenômeno essencialmente discursivo, a carreira somente pode ser compreendida em profundidade a partir da análise de como as pessoas narram as suas experiências de vida de trabalho (Cohen; Durbeley; Mallon, 2004).

O cerne da perspectiva adotada por Ribeiro (2014) está na noção de psicossocial como um continuum entre o social e o subjetivo. Para o autor, historicamente prevaleceu, na literatura que trata sobre a carreira, uma visão dicotomizada entre o pessoal e o social. Essa visão, porém, pouco traz de contribuições à análise das configurações contemporâneas das trajetórias de vida de trabalho na medida em que estas se tornam expostas a um conjunto muito mais amplo, difuso e inconstante de variáveis e fatores. Tanto um enfoque exclusivamente pessoal, que não leve em

consideração as dinâmicas sociais, quanto um enfoque puramente social, que perca de vista as dimensões subjetivas da vida do trabalho, pouco conseguem contribuir para a análise sobre o modo como as pessoas buscam construir as suas trajetórias de vida de trabalho em meio a uma conjuntura na qual prevalece uma maior instabilidade no que diz respeito às referências que balizam os processos de construção da carreira.

Em linha com as bases da abordagem socioconstrucionista, a principal ênfase do estudo sobre os fenômenos ligados à vida de trabalho, dentro de uma perspectiva psicossocial, recai sobre a análise das práticas discursivas (narrativas e discursos)⁵ que as pessoas produzem acerca de seus próprios percursos e experiências laborais. Como operador conceitual dessa perspectiva analítica sobre a carreira, Ribeiro (2014) cunha o conceito de “carreira psicossocial”, visando ao rompimento com a clássica dicotomia entre carreira objetiva e carreira subjetiva.

A noção de carreira psicossocial articula-se em torno do princípio da indissociabilidade entre pessoal e social e da concepção da carreira como um fenômeno relacional constituído narrativamente a partir de discursos socialmente compartilhados pelas pessoas. Trata-se de uma abordagem que toma a análise dos sentidos que as pessoas atribuem à sua relação com a vida de trabalho como via de acesso privilegiada à dimensão psicossocial do fenômeno da carreira.

Podemos definir sentidos como produções narrativas individualizadas e significados como “sistemas de significação ou posicionamentos coletivos de dado contexto” (Ribeiro, 2014, p. 99). Em síntese, ainda segundo o autor,

discursos são formados por significados e narrativas por sentidos, com funções antagônicas, ou seja, os discursos visam cristalizar posicionamentos através da produção de significados, enquanto que as narrativas visam interpelar e desconstruir os discursos através da produção de sentidos (Ribeiro, 2014, p. 99).

À luz dos referenciais da abordagem psicossocial proposta por Ribeiro (2014), a carreira possui duas dimensões constitutivas centrais: as trajetórias de vida de trabalho e os projetos de vida de trabalho. Essa segunda dimensão, a dos projetos de vida de trabalho, estrutura-se, por sua vez, em torno de dois elementos constituintes: os planos de ação e as

⁵ Segundo Ribeiro (2014), narrativas podem ser definidas como “posicionamentos individualizados legitimados nas relações psicossociais, marcando uma contribuição pessoal através de saberes e experiências da vida cotidiana transformada em linguagem” (p. 100), enquanto discursos são “[...] macronarrativas construídas e legitimadas nas relações psicossociais, com base em significados e processos de significação mais estáveis como discursos socioculturais mais amplos e intimamente associados à distribuição de poder na sociedade” (p. 100).

construções identitárias. Para o autor, um projeto de vida do trabalho é, em última instância, um projeto de identidade, sendo a noção de identidade aqui entendida como a posição através da qual as pessoas percebem o mundo e o lugar de onde agem. A identidade, em suma, não é um produto, mas sim um processo de construção e reconstrução de si mesmo, razão pela qual, analiticamente falando, o conceito de construções identitárias, mais dinâmico e sinalizador de um processo em constante movimento, é preferível ao próprio conceito mais estático e substancialista de identidade.

Dessa forma, sob uma ótica socioconstrucionista, as construções identitárias de trabalho são compreendidas como narrativas de si produzidas em contexto, que permitem colocar em ação processos de significação de si, do outro e das relações. Impactos no campo das construções identitárias pressupõem, portanto, mudanças significativas na forma pela qual as pessoas passam a se enxergar e fundamentalmente se posicionar em relação às suas trajetórias de vida de trabalho (Ribeiro, 2014). Essa noção fornece uma chave de leitura analítica importante para compreendermos uma das vertentes de ressonância do doutoramento sobre a carreira dos egressos investigados, ressonâncias estas nem sempre convertidas em ganhos objetivos na carreira, mas com impactos profundos na maneira de vivenciar a relação com o conhecimento e com o trabalho. No quadro abaixo, apresentamos uma sistematização conceitual das principais noções da abordagem psicossocial de carreira proposta por Ribeiro (2014).

Quadro 1 - Conceitos atrelados à abordagem psicossocial da carreira utilizados neste trabalho.

Conceito	Definição
Vida de trabalho	Dimensão da vida humana construída nas relações dos contextos de trabalho e que possibilitam tanto a continuidade de vida quanto rupturas e transformações, gerando a vida como processo contínuo de construção relacional.
Trajetória de vida de trabalho	História da articulação espaço-temporal das experiências de relação psicossocial com os mundos do trabalho, que confere significado e coerência à vida das pessoas e permite a compreensão dos modos mais frequentes de construção de linhas de ação nos mundos do trabalho e de sentidos construídos neste processo.
Trajetórias formativas	História da articulação espaço-temporal das experiências de relação e construção psicossocial com a educação.
Inserção na vida de trabalho	Processo de entrada e permanência nos mundos do trabalho.
Projeto de vida de trabalho	Ação que envolve a participação da pessoa na construção do seu futuro, na relação eu-outro, na dimensão da vida de trabalho.
Construção identitária de trabalho	A maneira pela qual as pessoas se identificam com o trabalho que realizam e se constroem como trabalhadores.
Plano de ação de trabalho	Conjuntos de ações objetivas para atingir um fim relacionado ao projeto de vida de trabalho.

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2014).

Por tudo o que foi abordado até aqui e, em face dos múltiplos aspectos que uma abordagem psicossocial da carreira sinaliza como pertinentes de serem problematizados na análise das trajetórias de vida de trabalho, é necessário reconhecermos que pouco sabemos a respeito de como a formação pós-graduada impacta a vida de trabalho dos egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira, sobretudo se levarmos em conta a incipiência de estudos que se dedicaram a examinar a maneira como os próprios egressos narram as suas percepções acerca desses impactos. Nesse sentido, buscamos com a realização do presente estudo contribuir com as análises em torno dos impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre a vida de trabalho dos egressos dessa modalidade de ensino mediante um enfoque psicossocial dos seguintes aspectos: inserção na vida de trabalho, construções identitárias de trabalho e projetos de vida de trabalho.

4 Método

O trabalho de campo desta pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com 14 egressos do doutorado em Psicologia de uma universidade pública, titulados entre 2012 e 2018⁶. A seleção dos egressos a serem entrevistados se deu mediante um processo que visou garantir a maior diversidade possível em relação a características como sexo, área de concentração da pesquisa no doutorado – Psicologia Social, Desenvolvimento Humano e Estudos Psicanalíticos –, ano de titulação e atual contexto de inserção profissional – acadêmico, não acadêmico, acadêmico/não acadêmico⁷.

O quadro abaixo apresenta uma breve caracterização dos participantes da pesquisa, permitindo uma visualização panorâmica de como se distribuem em termos de aspectos como idade, áreas de concentração, ano de titulação e atual inserção profissional. Visando a garantia do sigilo da identidade dos entrevistados, seus nomes reais foram substituídos por nomes fictícios.

⁶ Optamos por circunscrever a análise aos egressos titulados entre 2012 e 2018, sendo 2012 o ano do primeiro doutoramento concluído no programa, e o ano de 2018 definido como marco final em função do nosso interesse pela investigação de trajetórias com pelo menos três anos de duração entre a conclusão do doutorado e o momento em que as entrevistas foram realizadas.

⁷ Para o recrutamento dos sujeitos-alvo da pesquisa, partimos de informações constantes em um banco de dados sobre os egressos do programa da pós-graduação em Psicologia da UFMG, elaborado no âmbito do Alumni – Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreira e Egressos, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Quadro 2 - Caracterização dos participantes da pesquisa em termos da atual inserção profissional, idade, área de concentração no doutorado e ano de titulação.

Área de atuação	Nome	Idade	Área de concentração	Ano de Titulação
Acadêmica	Vinícius	44	Psicologia Social	2013
	Euclides	39	Psicologia Social	2018
	Hilda	39	Desenvolvimento Humano	2013
	Clarice	42	Psicologia Social	2016
	Carolina	44	Psicologia Social	2013
Não acadêmica	Cecília	59	Estudos Psicanalíticos	2014
	Lygia	54	Estudos Psicanalíticos	2015
	Jorge	42	Desenvolvimento Humano	2016
	Aluísio	36	Estudos Psicanalíticos	2018
	Ruth	43	Psicologia Social	2012
Acadêmica e não acadêmica	Graciliano	44	Estudos Psicanalíticos	2018
	Ariano	36	Estudos Psicanalíticos	2018
	Adélia	52	Psicologia Social	2012
	Érico	43	Psicologia Social	2013

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

As entrevistas foram realizadas virtualmente⁸ de fevereiro a junho de 2022 e se estruturaram a partir de um roteiro contendo perguntas referentes a acontecimentos da vida de trabalho dos egressos desde a conclusão da graduação até a situação profissional em que se encontravam no momento da entrevista. Metodologicamente, o trabalho com as entrevistas guiou-se de acordo com os princípios da perspectiva da entrevista compreensiva, desenvolvida por Jean-Claude Kaufman (2013). Um dos elementos centrais dessa perspectiva é a recusa do pressuposto segundo o qual quanto mais distante está o pesquisador do entrevistado e quanto mais formalizada é a entrevista, melhor a qualidade técnica da investigação.

Todas as entrevistas foram gravadas e integralmente transcritas. As transcrições de cada entrevista foram enviadas aos respectivos entrevistados para que tivessem a oportunidade de fazer correções, complementações, ressalvas ou observações em relação às informações fornecidas. Esse procedimento se mostrou de grande utilidade não só para o aprimoramento do conteúdo informativo das entrevistas, mas também para um maior refinamento do comprometimento ético entre entrevistador e entrevistados. Ao serem informados, desde o princípio da entrevista, de que teriam a oportunidade de conferir o conteúdo transcrito antes de

⁸ Das 14 entrevistas, 13 foram realizadas através de videochamadas, e uma, atendendo à solicitação da entrevistada (Cecília), deu-se de forma escrita, mediante o envio de perguntas e respostas por *e-mail*.

qualquer divulgação do material, sentimos uma maior tranquilidade dos entrevistados para abordarem temas mais sensíveis que, independentemente de estarem entre os trechos divulgados, contribuíram significativamente com o trabalho de interpretação dos resultados. Cumpre informar que a presente pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, e todos os procedimentos de sua execução seguiram rigorosamente os protocolos éticos de pesquisa com seres humanos, regulamentados pelo Conselho Nacional de Saúde.

O material narrativo proveniente das entrevistas foi analisado de acordo com os princípios da análise qualitativa de entrevistas proposta por Maroy (1997), que prevê uma sistemática de tratamento dos dados pautada em três etapas: 1) imersão no material e testagem de um fio condutor estruturante para a análise, sob a forma de uma grelha de análise; 2) elaboração de categorias – classes pertinentes de objetos, ações, pessoas ou objetos –, definição de suas propriedades específicas e construção de um sistema ou conjunto de relações entre as classes; 3) aperfeiçoamento da grelha de análise mediante a validação das diferentes hipóteses e interpretações das categorias forjadas no decurso da análise.

5 Resultados e discussão

As condições geralmente exigidas para a inserção na vida de trabalho, na área acadêmica, de forma distinta das que são observadas em contextos de atuação não acadêmicos, guardam uma relação bem mais estreita com a formação e com a titulação proporcionada pela pós-graduação *stricto sensu*. Isso se explica pelo fato de que, no Brasil, o surgimento e o desenvolvimento dos cursos de Mestrado e Doutorado historicamente ocorreram atrelados a uma perspectiva de formação de recursos humanos para atuação na área acadêmica, sobretudo no que diz respeito ao desempenho de atividades ligadas à docência e à pesquisa (Almeida, 2017). Nesse sentido, seria de se esperar que a análise dos impactos do doutoramento sobre as perspectivas de inserção e empregabilidade na vida de trabalho acadêmica não trouxesse grandes surpresas, afinal, a titulação doutoral cumpre uma função de certificação e credenciamento para o exercício de atividades afins ao contexto de trabalho acadêmico – nomeadamente, docência no ensino superior e desenvolvimento de pesquisas científicas⁹.

⁹ Uma expressão bastante ilustrativa a esse respeito é a constatação proporcionada pelo trabalho de Charles (2020)

No entanto, uma análise mais detida das trajetórias de vida de trabalho dos egressos entrevistados neste estudo, focada em aspectos psicossociais que emergem das narrativas produzidas nas entrevistas, evidencia nuances importantes que dificilmente teriam como ser alcançadas a partir de investigações de base quantitativa. Entre os 14 participantes desta pesquisa, nove atuavam, no momento das entrevistas, como docentes e/ou pesquisadores em instituições de ensino superior, dentre os quais cinco, de forma exclusiva na área acadêmica e quatro, conciliando a função acadêmica com atividades profissionais ligadas a contextos não acadêmicos, como clínicas, organizações etc. (Quadro 2). Dos cinco egressos que se dedicam exclusivamente à atuação acadêmica, três – Vinícius, Clarice e Hilda – atuam como docentes em universidades públicas federais, e dois – Carolina e Euclides – em universidades particulares.

Para os que atuam em IES federais, a questão da contribuição do doutorado para a melhora das perspectivas de acesso à carreira acadêmica é evidente, já que os três relatam que o projeto de vida de trabalho que tinham quando decidiram cursar a pós-graduação *stricto sensu* era o de se tornarem docentes em universidades públicas, preferencialmente em universidades federais. Quem externaliza isso de maneira mais clara é Vinícius, que chega a usar a sigla SIAPE – Sistema Integrado da Administração de Recursos Humanos, dispositivo administrativo pertencente ao governo federal para gestão de recursos humanos do serviço público civil na esfera da união – para adjetivar o tipo de carreira almejado:

Quando eu fui para o doutorado, eu já estava buscando uma carreira de professor, com sorte professor pesquisador, que era o que eu queria mesmo, digamos assim. “Eu quero ser um professor pesquisador”. E bem naquele pacote professor pesquisador de uma universidade pública, né? SIAPE, pacote SIAPE. Era o que eu estava buscando, quando eu entrei pro doutorado, ... o plano de carreira que eu tinha era esse (Vinícius).

Cumprе esclarecer que, desde 2012, com a expedição da Medida Provisória nº 614 (Brasil, 2013a), posteriormente referendada pela Lei nº 12.863 (Brasil, 2013b), o ingresso na carreira de magistério superior no ensino federal passou a ser condicionado à posse do título de doutor, salvo excepcionalmente quando houvesse carência de detentores dessa titulação acadêmica na região ou na área de conhecimento do concurso. Assim, para aqueles que almejam a carreira docente em universidades públicas federais ou em IES que tenham a exigência mínima

acerca dos destinos profissionais dos egressos do doutorado em Psicologia da UFMG titulados entre 2012 e 2018: o estudo demonstra que 83% dos egressos atuavam como docentes após a conclusão do doutorado, evidenciando que o doutoramento se constitui como um elemento importante para o ingresso ou para a manutenção na carreira acadêmica.

do doutorado como requisito de ingresso, não resta dúvida de que a titulação doutoral equivale a uma credencial para concorrer a um posto de trabalho nesse setor¹⁰.

Dentre os demais seis egressos que trabalham atualmente como docentes no ensino superior em IES privadas – Euclides e Carolina de maneira exclusiva; Érico, Graciliano, Adélia e Ariano conciliando com atividades não acadêmicas –, o projeto de se tornar docente de IES públicas aparece permeado por certas ambivalências. Por um lado, há consenso entre os entrevistados quanto ao reconhecimento de certas vantagens que algumas características do vínculo de trabalho inerente ao serviço público – como a garantia da estabilidade e os incentivos à dedicação exclusiva – proporcionam ao desenvolvimento da carreira acadêmica. Por outro lado, ao considerarem todas as renúncias pessoais e profissionais envolvidas tanto na preparação para disputar uma vaga no cada vez mais concorrido e restritivo universo dos concursos públicos da área acadêmica quanto para se manter em condições satisfatórias de trabalho em um cenário visto como de sucateamento das universidades públicas e dos investimentos em ciência e pesquisa, os egressos se mostraram cautelosos e, em alguns casos, até reticentes a tomarem a inserção na carreira de magistério superior em IES públicas como uma meta prioritária em suas carreiras.

Eu estou vivendo um momento atual muito nesse sentido de uma certa frustração com o quanto que a área acadêmica é difícil; é um investimento muito alto pra um ganho muito pequeno se você pensa na carreira em instituição federal. São raros os concursos. [...] Para eu ir pra outra cidade é muito complicado. Eu já até desanimei porque geralmente você tem que ficar uma semana na cidade; eu dou aula de segunda a sexta, como que eu vou falar com a instituição [em que trabalho] que eu vou ficar uma semana fora pra fazer um concurso? (Carolina).

Aqui é importante lembrar que a maioria dos egressos entrevistados concluiu o doutorado em um cenário, após 2013, consideravelmente menos favorável, em termos do surgimento de postos de trabalho no mercado acadêmico do serviço público, do que quando optaram – primeira década do século XXI – por trilhar o percurso completo de formação no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*. Isso se deve, em grande medida, à intensificação do processo de neoliberalização do estado brasileiro, ocorrido sobretudo a partir de 2013, quando os

¹⁰ Dos três entrevistados atualmente empregados como docentes em IES públicas federais, só Hilda atingiu essa condição antes da conclusão do doutorado, visto ter sido aprovada em concurso público em 2011, anteriormente à promulgação das referidas legislações que passaram a exigir a titulação doutoral como requisito básico para o ingresso na carreira de magistério superior no serviço público federal.

efeitos da grande crise financeira internacional do capitalismo, eclodida em 2008, começaram a ser sentidos de maneira mais incisiva no Brasil (Mello; Rossi, 2018). Como bem destaca Chauí (2001), a ideologia neoliberal é particularmente hostil a um projeto de investimento estatal no ensino superior público, visto ter como uma de suas principais bandeiras a defesa de medidas que visam ao encolhimento do espaço público dos direitos e, em contrapartida, o alargamento do espaço privado dos interesses de mercado.

Além do mais, é de crucial relevância levar em conta que as entrevistas para esta pesquisa foram realizadas no primeiro semestre de 2022, momento que precisa ser contextualizado em relação a dois aspectos histórico-sociais de especial magnitude. Por um lado, não é possível desconsiderar os efeitos provocados pela crise sanitária decorrente da pandemia da COVID-19 que, na ocasião das entrevistas, estava no início do terceiro ano de duração. Por outro lado – e talvez com impactos ainda mais decisivos sobre o objeto de análise desta investigação –, o acúmulo de três anos de vigência, em âmbito federal, de um governo de viés ultraconservador e ultraliberal, cujo norteamto, do ponto de vista da gestão dos recursos públicos, é marcado pela intensificação da retração dos investimentos estatais no campo das políticas sociais, dentre as quais a expansão do acesso ao ensino superior (Andrade; Cortês; Almeida, 2021).

A percepção de que o acesso à carreira acadêmica ligada a IES públicas vem se tornando muito mais complexo e concorrido com o passar dos anos, fruto de um processo de retraimento do mercado de trabalho acadêmico, é algo que aparece evidenciado nas narrativas de todos os egressos que em algum momento ambicionaram esse tipo de inserção profissional. Junte-se a isso uma percepção também bastante comum acerca da desconfiança em relação à lisura dos concursos públicos que ocorrem para seleção de docentes das instituições públicas. As falas abaixo, provenientes da narrativa de diferentes egressos, ilustram a maneira como essa desconfiança se expressa.

Não especificamente esse [último concurso] que eu fiz, que eu achei que ele foi honesto do ponto de vista político, mas tem tudo isso que a gente escuta, que eu escuto de colegas que já tentaram, inclusive, de muitas questões políticas envolvidas. Muitos conchavos, muitas intrigas, muitas disputas políticas, que às vezes o cargo já está ali meio que delineado e aí você investe numa coisa que já está com cartas marcadas. Eu escuto muito isso (Carolina).

Ah, todo concurso tem uma história, né? Eu fui, estudei lá as coisas, tirei noventa e tantos na prova escrita, ou alguma coisa assim. Teve professor que me

deu 100 na prova. E aí chegaram e não me aprovaram na prova didática. Todo mundo conhece uma história assim. E aí não me aprovaram na prova didática, eu cheguei a ouvir os áudios, eu queria entender o que que é uma prova valendo 96, que foi a nota da [candidata] que foi aprovada. Ouvi o áudio e falei: “gente, não vale”. Ouvi o áudio da minha e falei: “Olha, pra falar que não valia nem 70 pontos, tá difícil ali”, sabe? (Clarice).

Estou estudando bastante, mas assim: as lógicas de concursos nas federais são muito complicadas, principalmente nas grandes, né? Quando eu era estudante na federal, a gente sabia quem ia passar em 80% dos concursos, 80/90%. Então, eu estou indo meio como forasteiro. Vai que dá alguma coisa errada lá eu consigo passar, né? [risos]. É um pouco isso (Érico).

Saindo da esfera de atuação no serviço público e olhando para as percepções acerca das perspectivas de inserção na vida de trabalho acadêmica nas IES privadas, deparamo-nos com uma realidade ainda mais desalentadora. Em um cenário marcado pelo triunfo da lógica de mercado no âmbito do ensino superior, o crescimento da oferta de mão de obra com qualificação doutoral se converte em um fator importante de desvalorização simbólica da titulação. Do ponto de vista do ordenamento legal, existem poucos dispositivos que garantem alguma reserva de mercado a doutores no âmbito das IES privadas¹¹. Entre os entrevistados, foi recorrente aparecer a percepção de que a contratação de doutores nessas instituições está condicionada ao cumprimento de requisitos mínimos exigidos para o credenciamento junto ao Ministério da Educação (MEC) e, quando muito, a uma preocupação com a questão da avaliação dos cursos, tendo em vista que o desenvolvimento de pesquisas consta como um dos itens que integram os processos avaliativos do ensino superior.

Quando o MEC vem, eu tenho que participar das reuniões por ser doutora. A instituição brinca comigo que eu tenho cadeira cativa, porque eles precisam de mim pela minha formação e pela minha trajetória, porque, na hora de mostrar o álbum de professores para o MEC, convém eu estar lá. Mas eu não ganho nada com isso. A não ser o reconhecimento da instituição e uma certa estabilidade, porque muita gente já foi mandada embora e eu estou lá (Carolina).

O relato de um egresso, em particular, chamou a atenção. Graciliano, que atualmente concilia a atuação clínica com a docência em cursos de pós-graduação *lato sensu*, destaca ter vivenciado um efeito negativo da titulação nas suas perspectivas de inserção na vida de trabalhona área acadêmica:

Eu precisei me reinventar, porque, com o título de doutor, eu me tornei desinteressante para as duas universidades em que eu dava aula. Inclusive a

¹¹ Universidades e centros universitários precisam ter um corpo docente composto por pelo menos um terço de mestres ou doutores (Brasil, 1996; Brasil, 2017). No caso das universidades, existe ainda a exigência adicional de oferta regular de, pelo menos, quatro cursos de mestrado e dois de doutorado (Brasil, 2010), o que de certa maneira pode ser tratado como a única obrigatoriedade normativa para a contratação de doutores, já que a docência na pós-graduação *stricto sensu* está vinculada à titulação doutoral.

proposição do MEC ajuda nisso; se um curso tem um doutor já é o bastante pra ele ser reconhecido e, no meu caso, nas duas universidades havia outros colegas também doutores, então eu me tornei desinteressante. Eu fui desligado, então, dessas duas universidades e aí tive que me reinventar, apostar muito mais no consultório []. Com isso, eu desanimei, e muito, em voltar a dar aula em graduação (Graciliano).

Ao ser questionado até que ponto considera que o desligamento dos cargos docentes nas universidades em que atuava no momento da conclusão do doutoramento se correlaciona à concretização da titulação, Graciliano destaca ser este um processo nem sempre declarado, embora sabidamente presente no cotidiano das instituições privadas:

As coisas nunca são tão às claras, né? Ninguém chega e fala “oh, você com o título de doutor, seu salário vai pra tanto, mas eu queria ver se a gente consegue reduzir”. [...] Concretamente dizendo, as minhas demissões coincidiram com a defesa da minha tese. No dia seguinte, com a comprovação de que eu tinha defendido a minha tese, eu podia pedir o reajuste do meu salário. Não me deram nem oportunidade pra isso. Se eu tivesse tido avaliações ruins dos meus alunos – porque os alunos fazem avaliações – mas os professores sabem quais notas se recebe, não de quem, mas sabe quais são as notas. Mas não foi pela falta de qualidade (Graciliano).

A percepção apresentada por Graciliano encontra correspondência com um fenômeno ainda pouco explorado no âmbito da literatura acerca do mercado de trabalho de pós-graduados brasileiros, que é a prática de omissão de titulação no currículo. Em estudo quantitativo conduzido com pós-graduandos e pós-graduados de diferentes regiões do Brasil, Lopes (2021) constata que a maioria dos participantes – mais de 60% – revela já ter omitido ou conhecer alguém que omitiu títulos de pós-graduação em algum momento de suas carreiras, com o intuito de melhorar ou manter as condições de empregabilidade no contexto acadêmico. Ainda segundo esse estudo, dentre os que relatam ter praticado a omissão, a maioria é composta por doutores ou doutorandos, sendo a maior prevalência encontrada entre profissionais das ciências humanas. O autor interpreta esse fenômeno como um claro sintoma da retração do mercado de trabalho para profissionais com maior qualificação no Brasil, sobretudo no campo acadêmico, área de atuação que desperta o maior interesse dos egressos da pós-graduação *stricto sensu*.

Outro aspecto importante de ser considerado ao se analisar a questão da inserção na vida de trabalho após o doutoramento diz respeito a como os participantes avaliam a questão salarial na vida de trabalho acadêmica. Novamente é necessário se atentar às diferenças entre as condições de trabalho no serviço público e no setor privado. No serviço público, há geralmente

uma institucionalização mais bem estabelecida de planos de carreira que conferem recompensas remuneratórias à titulação. Já no setor privado, a existência de planos organizacionais de carreira está condicionada à política de valorização de pessoal de cada IES, sendo bastante variável a realidade encontrada de uma instituição para outra.

Os egressos atualmente em atuação em IES privadas expressam, de uma maneira bem mais contundente do que os que atuam no serviço público, insatisfações com a pouca valorização remuneratória advinda da titulação, isso quando são efetivamente remunerados em conformidade com a titulação doutoral. Euclides, por exemplo, trabalha atualmente em duas IES privadas e, em uma delas, é remunerado como mestre e não como doutor:

Plano de carreira na universidade privada não existe. É diferença de R\$3 reais, R\$ 4 reais a hora/aula entre um mestre e um doutor. Não existe perspectiva. Eu, por exemplo, posso fazer pós-doutorado e não faz diferença nenhuma. Às vezes a diferença que faz é eu não ser empregado no sentido de que, se o curso tem o número de doutores suficiente, ele pode contratar um mestre e pagar mais barato. Por exemplo, eu, na [IES X], eu recebo como doutor, mas na [IES Y], eu recebo como mestre ... porque o curso já tem um número de doutores suficiente e não vou ser contratado como doutor (Euclides).

Mesmo entre aqueles que relatam algum tipo de valorização salarial decorrente da titulação, em razão de progressão na carreira organizacional de IES que dispõem de planos de carreira institucionalizados, a percepção é de que o acréscimo é muito pequeno em face do tempo e do esforço investidos na formação. Carolina, por exemplo, relata que a conclusão do doutorado lhe rendeu um incremento salarial da ordem de 10%, índice por ela considerado frustrante. No seu caso, os maiores impactos remuneratórios proporcionados pelo doutoramento vieram indiretamente, fruto da conquista de premiações institucionais de incentivo à pesquisa na IES onde trabalha:

Na época, de 2009 a 2015, a [IES em que trabalha desde 2009] era uma instituição perfeita pra trabalhar: salário muito mais alto que salário de professor de [universidade] federal. Começaram a ter uns prêmios; tiveram três anos com prêmios de incentivo à pesquisa e, nesses três anos, em um ano, eu fiquei em primeiro lugar, no segundo, eu fiquei não sei se foi em segundo ou terceiro lugar, e no outro ano, eu fiquei de novo em segundo lugar. E esses prêmios eram remunerações enormes (Carolina).

De acordo com Carolina, contudo, tais premiações foram extintas a partir de 2018, o que, a seu ver, coincide com um momento de ampliação da precarização das condições de trabalho na instituição em que atua desde 2009. Essa realidade a tem feito, inclusive, repensar os

projetos de carreira: “até 2018 eu não pensava mais em tentar concurso em universidade federal; pensava em ficar só no serviço privado, já que era uma coisa muito bacana, de granderealização financeira e profissional. Infelizmente, de 2018 pra cá a coisa piorou demais” (Carolina).

A narrativa de Carolina vai ao encontro do que é relatado por outros entrevistados que possuem na atuação acadêmica, no ensino privado, a principal ocupação profissional atual. Érico e Adélia, por exemplo, trabalham atualmente em uma IES privada que dispõe de plano de cargos e carreira que em muitos aspectos se assemelha a IES estatais. No entanto, mudanças na política institucional de distribuição das aulas ou mesmo de burocratização das condições de exercício do trabalho docente vêm impactando inclusive as condições para assumir outras funções de complementação de renda para além da docência, algo visto por muitos egressos que atuam na iniciativa privada como uma vantagem em relação ao serviço público, geralmente atrelado a vínculos de dedicação exclusiva.

Há um relativo consenso entre os entrevistados quanto à percepção de que está em curso um processo de precarização das condições de trabalho na área acadêmica, algo que se manifesta seja pelo escasseamento dos postos de trabalho, seja pelo achatamento das remunerações, seja ainda pelo aumento da sobrecarga de trabalho gerada por processos de burocratização ou por remanejamentos estruturais que levam à ampliação do número de alunos por turma, do número de aulas por professor ou do acúmulo de atividades distribuídas a um contingente de recursos humanos cada vez mais restrito. Tal processo impacta decisivamente a relação dos egressos com seus projetos de vida de trabalho, ainda que a maneira como isso se manifeste em cada um seja variável a depender de uma série de condicionantes psicossociais, como o setor de atuação – se público ou privado –, a existência ou não de projetos em outras frentes de atuação que não a acadêmica, e a vinculação afetiva mantida com o fazer acadêmico.

Uma das perguntas feitas aos participantes da pesquisa durante as entrevistas dizia respeito às perspectivas e expectativas em relação ao futuro profissional. As narrativas construídas a partir dessa questão evidenciam como o doutoramento amplia as possibilidades de projetos ligados à carreira na área acadêmica, mas ao mesmo tempo transparece o modo como a problemática da precarização da vida de trabalho acadêmica impacta profundamente os sentidos assumidos por esses projetos.

As narrativas dos participantes que atualmente trabalham como docentes em

universidades públicas trazem em comum a percepção de que atualmente, ao contrário do que almejavam quando escolheram investir na carreira acadêmica, têm pouco tempo para estudar sobre temas que lhes interessam, sendo a maior parte de suas energias dedicadas a atender demandas institucionais de trabalho. Ao serem indagados sobre como projetam o futuro de suas carreiras, os três participantes manifestam o anseio pela realização de estágios pós-doutorais e a expectativa de que, em algum momento, voltem a ter melhores condições de dedicação ao estudo de temáticas mais afins a seus interesses intelectuais, algo não possibilitado pelas atuais condições de trabalho.

Já os participantes que atualmente conciliam o trabalho docente em universidades privadas com atividades de trabalho exercidas em contextos não acadêmicos defrontam-se com dilemas bem mais complexos na configuração de seus projetos. Em face de uma intensificação das exigências impostas pela carreira acadêmica, seja para nela se manter – em razão dos processos de precarização anteriormente mencionados –, seja para conquistar reinserções mais qualificadas do que aquelas de que dispõem atualmente, o investimento na carreira não acadêmica passa a dispor de um novo sentido no âmbito do projeto de vida de trabalho desses egressos. Investir, por exemplo, na atuação clínica ou na oferta de prestação de serviços como psicólogos em contextos não acadêmicos, deixa de ter o sentido de um plano de ação de trabalho meramente alternativo, passando a coexistir ou até mesmo concorrer com projetos atrelados à carreira acadêmica.

Eu sempre tive um pé lá na clínica, mas via a clínica incompatível com a minha vida acadêmica [...] De 2015/2016 pra cá, a universidade vem sendo algo questionado pra mim. Eu não estou mais com a ideia de que a universidade é o lugar que eu vou ter que ficar para o resto da minha vida. [...] E aí apareceu um mal-estar muito específico: eu comecei a perceber que eu estava sendo mais acadêmico no meu consultório do que na universidade. No meu consultório, eu tinha tempo de ler, eu tinha um salário que bancava as minhas contas, era satisfatório, eu lia e escrevia toda semana. Quando eu estava dando excesso de aula, como está sendo agora [inclusive], ler e escreveré quase que um hobby, que você faz de vez em quando. [...] Então, isso significa que não necessariamente eu tenha que ficar na universidade, porque, pra mim, ser pesquisador não é estar na faculdade, é pesquisar. E pesquisa acontece [também] fora da universidade (Érico).

O que eu pretendo a partir de agora é ... a princípio, não estou pensando em fazer outro concurso público, só se aparecer alguma coisa que eu ache que vale muito a pena. Senão, o que eu pretendo é retomar o consultório, de repente montar uma clínica pra dar supervisão. Os alunos que se formam pedem muito, já que eu também dou estágio clínico e social, então eles pedem muitas

supervisões. Então, eu pensei em criar uma clínica pra atendimento e supervisão e me manter na [IES em que trabalha] enquanto eu achar que vale a pena (Carolina).

Nem sempre, contudo, o projeto de vida de trabalho na área acadêmica é flexível a rearranjos que tornem possível a sua compatibilização com projetos voltados à atuação em contextos alheios à academia. Afinal, revisões de projetos de vida de trabalho impõem, necessariamente, deslocamentos no campo da construção identitária de trabalho, gerando custos emocionais, afetivos e, por vezes, materiais com os quais nem todos estão dispostos ou preparados para arcar (Ribeiro, 2014). O componente trágico dessa situação é que, se por um lado, a inserção qualificada na vida de trabalho acadêmica exige daqueles que almejam essa carreira sacrifícios progressivamente mais intensos, cujo cumprimento demanda um tipo de dedicação cada vez mais exclusivo e resiliente ao trabalho acadêmico, por outro, o que se nota é que uma maior rigidez do projeto de vida de trabalho, expresso pela dificuldade em se abrir a perspectivas de planos de ação alternativos à vida acadêmica, torna o egresso mais suscetível a se defrontar com episódios disruptivos na vivência da sua construção identitária de trabalho.

O momento vivenciado por Euclides é ilustrativo a esse respeito. No presente atuando exclusivamente na área acadêmica, trabalhando como docente em duas universidades particulares, enxerga poucas perspectivas de conseguir satisfação com o trabalho acadêmico no setor privado, mas não está subjetivamente confortável com a ideia de retomar o investimento na atuação como psicólogo em contextos não acadêmicos, dos quais, aliás, não guarda boas recordações por também ter vivenciado relações de trabalho marcadas pela desvalorização social e precarização. O escasseamento das oportunidades de reinserções mais qualificadas na vida de trabalho na área acadêmica tem acarretado, para Euclides, o surgimento de ideias de abandono da carreira acadêmica e da própria carreira como psicólogo, e a busca por uma outra profissão – como a Medicina –, na expectativa de que talvez possa enfim conquistar a inserção qualificada que sempre almejou ao investir em trajetórias formativas ligadas à pós-graduação *stricto sensu*.

Eu [sinto que] não tenho sobrevida no setor privado por questões... cada vez mais diminuindo as oportunidades de trabalho, diminuindo as possibilidades, cada vez mais tirando a nossa liberdade, cada vez menos espaço pra crítica,

num cenário dos concursos públicos terríveis, né? Então, eu fico nessa: me inscrevo nos concursos, espero sair a lista de inscritos e desanimo, e não vou. Me inscrevi em um com 110 [candidatos]; o outro tinha 114, o outro tinha 54; então, hoje eu vou ser sincero pra você: hoje eu estou dando aula no setor privado, mas eu estou com umas ideias super doidas na minha cabeça. De fazer

ENEM neste ano, de ano que vem fazer Medicina. Estou com umas ideias super erradas, estou com umas ideias muito doidas (Euclides).

Há que se considerar, entretanto, que nem sempre o dilema entre investir ou não na conquista de uma inserção na área acadêmica ou priorizar uma carreira ligada à atuação em atividades fora da academia desemboca em crises complexas como as enfrentadas por Euclides. A diversificação dos perfis de trajetórias de vida de trabalho enfocados por esta pesquisa proporcionou alcançar casos de egressos que, por razões diversas, optaram, no decorrer de suas trajetórias formativas e de vida de trabalho, por uma carreira alheia ao contexto de trabalho acadêmico. Cinco dos participantes desta pesquisa – Jorge, Lygia, Aluísio, Cecília e Ruth – não exerciam, no momento das entrevistas, nenhuma atividade ligada à área acadêmica.

Aluísio é o único desse grupo que afirma ainda ter interesse em buscar uma inserção de trabalho acadêmica, mas diz já não estar tão disposto como antes a fazer sacrifícios de ordem pessoal – dedicação excessiva de tempo para os estudos, exclusividade de investimento na atuação acadêmica, adequações à lógica produtivista da academia etc. – para conquistar um posto de trabalho acadêmico. Quanto aos demais, todos afirmam categoricamente não terem nenhuma pretensão de buscar uma inserção na área acadêmica, sendo que, nos casos de Lygia, Jorge e Ruth, essa opção se concretizou no decorrer da própria trajetória formativa na pós-graduação *stricto sensu*¹².

Para esses três egressos, as experiências vivenciadas ao longo do mestrado e sobretudo do doutorado contribuíram para a formulação de uma visão da área acadêmica como um campode trabalho incompatível com o que almejam em termos de projetos de vida de trabalho para a sequência de suas carreiras. A despeito da satisfação oriunda da prática com a pesquisa, Jorge, Lygia e Ruth se dizem satisfeitos com as condições de trabalho na atuação profissional não acadêmica e com a carreira que vêm construindo como psicólogos clínicos ou institucionais. Ademais, alegam terem vivenciado, no decurso de suas trajetórias formativas, um processo de ressignificação do projeto de vida de trabalho, que teve como desdobramento, nos três casos, uma ruptura com a intenção de se tornarem docentes ou pesquisadores no ensino superior. As

¹² A exceção fica por conta de Cecília, a única entrevistada que afirmou não ter nem nunca ter tido qualquer pretensão de inserção na vida de trabalho acadêmica, mesmo quando decidiu cursar o mestrado e o doutorado. No caso dessa participante, a busca pela pós-graduação *stricto sensu* foi vista como uma oportunidade de aperfeiçoamento profissional da atuação clínica, a ser proporcionado pelas possibilidades de aprofundamento teórico-conceitual que o mestrado e o doutorado oferecem.

razões que levaram a essa conclusão variam de um caso para outro, mas no geral estão associadas a percepções de que ou não dispõem de um perfil compatível com o que consideram uma dinâmica de funcionamento inerente à área acadêmica – abnegação em prol do trabalho, disputas departamentais, burocracias institucionais, embates exagerados entre correntes teóricas, disputas políticas no interior das instituições etc. – ou de que não estão dispostos a sacrificarem certas prerrogativas que já adquiriram na carreira construída fora da academia, tais como maior autonomia em relação à execução do trabalho, demarcação precisa entre vida pessoal e vida de trabalho e reconhecimento social na área de atuação.

Por fim, um último tópico a ser explorado por este artigo diz respeito às repercussões do doutoramento sobre a vida de trabalho extrínseca à área acadêmica, isto é, nas trajetórias e carreiras de egressos que optam, seja de forma parcial, seja de forma total, por um trabalho não atrelado à academia após a conclusão do doutoramento. Compreender essas repercussões exigiu um esforço analítico bem mais consistente em termos de exploração das dimensões subjetivas que permeiam a relação dos participantes com suas carreiras. Isso porque, diferentemente da relação entre pós-graduação *stricto sensu* e contexto acadêmico de trabalho, os nexos entre formação doutoral e atuação não acadêmica são bem menos explícitos.

Cumprime primeiramente salientar que, no que diz respeito às dimensões objetivas da carreira (empregabilidade, renda e progressão funcional), os impactos do doutoramento sobre a vida de trabalho não acadêmica aparecem descritos pelos participantes como raros e, quando muito, indiretos. Tomando por parâmetro as narrativas dos egressos que atuam como psicólogos em organizações (públicas ou privadas), no âmbito das quais é possível identificar alguma estrutura institucionalizada de planos de carreira, a contribuição da titulação doutoral para a progressão funcional na carreira foi bastante modesta, ainda que existente. Lygia é uma das egressas que, no momento da entrevista, trabalhava como psicóloga em um órgão público, que conta com plano de cargos e salários instituído. Ao falar sobre os impactos da titulação sobre a progressão na carreira dentro do órgão, relata a percepção de que a qualificação na pós-graduação *stricto sensu* é pouco valorizada não só do ponto de vista da progressão funcional, como de políticas institucionais de incentivo à capacitação¹³.

¹³ Importante salientar que, para conseguir realizar, durante o doutoramento, uma experiência de estágio-sanduiche, atividade que por óbvio só pode ocorrer desde que o doutorando se afaste provisoriamente das obrigações

Do ponto de vista da minha carreira, vamos dizer assim, ... eu acho que não fez tanta diferença. Como eu te falei, [na instituição onde atua] não tem esse investimento, não valoriza a vida acadêmica. Parece que tanto faz. Se você faz uma especialização, que é inteiramente virtual, ou se você faz um mestrado ou um doutorado, pouca diferença faz. Teve algum peso sim. Eu tive a minha progressão de carreira durante o doutorado, eu não tinha terminado ainda, que é a grande progressão da carreira, em que você pula de nível depois de um certo tempo. E o fato de estar com o doutorado em curso contou pra isso. Mas eu poderia ter feito, por exemplo, três especializações ao invés de um mestrado e um doutorado (Lygia).

Um relato semelhante sobre essa questão da progressão na carreira organizacional advinda do doutoramento apareceu na entrevista com Aluísio, que trabalha como psicólogo em uma empresa pública na área hospitalar. Assim como no órgão em que Lygia atua, a formação doutoral contribuiu indiretamente para que Aluísio conquistasse uma ascensão na carreira organizacional, já que atividades de capacitação são contabilizadas para efeito de cálculo da pontuação necessária para avanço na escala funcional, e o doutorado recebe certa pontuação em decorrência dessa regra.

Eu sei que o doutorado me ajudou a progredir na minha carreira lá dentro. Ele gera pontuação para que você consiga avançar e conseguir subir de nível nas carreiras que existem lá, sabe? E acaba que é uma pontuação significativa, é uma pontuação boa. Então, eu consegui avançar e eu atribuo parte disso à pontuação que o doutorado me gerou, e não é comum a gente encontrar com doutor lá no hospital (Aluísio).

Vê-se, pelos exemplos citados, que estamos a tratar de impactos objetivos muito indiretos quando comparados aos narrados por aqueles egressos que atuam na área acadêmica. Ainda que, do ponto de vista da recompensa remuneratória, tais efeitos indiretos possam ser até mais vantajosos do que para os que atuam naquelas IES privadas, que nem sequer dispõem de um programa de valorização consistente da qualificação dos seus trabalhadores, é muito importante demarcar o caráter simbolicamente pouco correlacionado entre a titulação doutoral e o desenvolvimento da carreira organizacional que se desenvolve fora da área acadêmica. Afinal, como narrado tanto por Aluísio como por Lygia, ainda que não tivessem a titulação doutoral, não ficariam impedidos de progredirem na carreira institucional, já que cursos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* são somente parte de um rol de possibilidades para conseguirem a pontuação necessária para a progressão. Na carreira acadêmica, pelo contrário, o

funcionais, Lygia relata ter precisado recorrer ao uso do acúmulo de férias, já que não teve da instituição autorização para o afastamento.

acesso a determinados níveis de progressão funcional ou mesmo o desenvolvimento de certas atividades (docência na pós-graduação, conquista de recursos em certas agências de fomento à pesquisa, publicações em periódicos mais prestigiados na área etc.) permanecem interditados para aqueles que não atingem certos requisitos, dentre eles a titulação doutoral.

Saindo da esfera de atuação em contextos organizacionais e enfocando a narrativa dos egressos que atuam como psicólogos autônomos (na área clínica ou de consultoria, porexemplo), a percepção dos impactos objetivos sobre a carreira são ainda mais reduzidos. Os egressos entrevistados que atuam na área clínica não reconhecem um incremento valorativo na carreira do ponto de vista, por exemplo, da atração de novos clientes para seus consultórios. Alguns relataram, inclusive, omitir a titulação em materiais publicitários de divulgação do trabalho como clínico, como folders ou cartões profissionais, uma vez que a titulação não desempenha um fator atrativo significativamente relevante na área clínica.

Entretanto, a narrativa de um dos participantes da pesquisa (Jorge) traz um elemento que, a despeito de ter aparecido em somente uma entrevista, compensa ser explorado. Trata-se do valor simbólico que a titulação doutoral pode desempenhar no âmbito das relações de poder com outros profissionais, sobretudo quando levamos em consideração a questão do poder médico, ainda hegemônico dentro de certos campos de atuação profissional, como na área da saúde, por exemplo. Na ocasião da entrevista, Jorge trabalhava como psicólogo clínico de forma autônoma. Por um lado, afirma que não verifica nenhuma vantagem proporcionada pela titulação doutoral do ponto de vista da ampliação de sua visibilidade ou de seu reconhecimento como psicólogo clínico no mercado terapêutico. Por outro lado, ressalva que a titulação ampliou as suas perspectivas de interlocução com determinados profissionais, sobretudo da área médica, com os quais encontrava muito mais dificuldade de acesso antes da conclusão do doutorado. Para Jorge, o doutoramento atenua, pelo menos em parte, a precarização que, segundo ele, caracteriza a imagem social do psicólogo, por vezes, desprestigiada por profissionais de outras especialidades, sobretudo da medicina:

Eu ia discutir com um médico, ia discutir com outros profissionais, com a escola, com a diretora, mas psicólogo é um bicho ironizado. Ninguém levava a gente a sério. A gente tinha que conversar com muito psiquiatra, muito neurologista, e o pessoal ria da nossa cara. [...] Então, eu ia nos consultórios conversar com os caras e às vezes eles nem recebiam a gente. [...] Aí eu falei assim: “Quem sabe se esse papo aí de que o doutor tem um *status* diferenciado. Às vezes se eu fizer doutorado e colocar esse título na frente do meu nome, às vezes

esses caras vão pelo menos me ouvir, né?”. E, infelizmente, isso aconteceu. O meu intuito era ser um pouco mais respeitado por esses outros profissionais com quem eu precisava interagir; até então era um desrespeito absurdo. Com o título de doutor isso melhorou muito. Hoje as pessoas me tratam com um pouco mais de respeito, até me escutam, me ouvem (Jorge).

Faz-se oportuno observar, entretanto, que os principais impactos do doutoramento sobre a vida de trabalho experienciada pelos participantes que atuam na área não acadêmica podem ser verificados quando analisamos aspectos ligados à dimensão das suas construções identitárias de trabalho, isto é, a maneira pela qual passam a se identificar com o trabalho que realizam e a se construírem como trabalhadores/psicólogos. Os dois trechos de narrativa apresentados na sequência foram extraídos de entrevistas de egressos que atualmente atuam somente em contextos não acadêmicos (clínicas particulares ou em organizações). Consideramos importante chamar a atenção para a recorrência do aparecimento, no âmbito dos trechos citados na sequência, da percepção, por parte dos entrevistados, de que o doutoramento proporcionou a eles um reposicionamento subjetivo no campo do saber, algo que para alguns se manifesta como um sentimento de maior “autorização” em relação ao conhecimento e à atuação profissional no campo da Psicologia.

Valeu a pena, eu acho que agregou minha formação; me autorizou até a entender um pouco mais a clínica e a ser um clínico melhor, no processo de escuta com os pacientes, e mais algumas propostas, algumas perspectivas interessantes. O doutorado, ele teve um impacto em termos subjetivos muito

importante pra mim, porque foi um doutorado que me ajudou a entender muito do meu percurso até então, desse trabalho nas instituições, e ele me ajudou e me orientou muito em relação ao tipo de profissional que eu gostaria de ser

Então, ali me ajudou a fazer com que eu me autorizasse a me inserir de fato enquanto um profissional da escuta naquele lugar. Ele me deu mais segurança (Aluísio).

Do ponto de vista subjetivo, eu acho que fez toda a diferença. Foi pra mim como se tivesse acontecido uma passagem na minha relação com o saber. Porque eu pude me autorizar, vamos dizer assim, me sentir autorizada com relação à transmissão. Então, é como se eu tivesse ganhado uma certa confiança [...] e pudesse me autorizar. Então, eu acho que teve esse efeito subjetivo de uma passagem fundamental. Essa coisa de poder se autorizar.

E é claro que aí vem a titulação, vem o reconhecimento, a recomendação de publicar, então, acho que isso tudo colabora, como se selasse essa autorização (Lygia).

Outro elemento que aparece com frequência nas narrativas sobre os ganhos subjetivos trazidos pelo doutoramento diz respeito às oportunidades que o envolvimento com a pesquisa na

pós-graduação *stricto sensu* proporcionou em termos de “formalização” de conhecimentos atrelados à prática profissional. O que se entende por formalização – termo aqui empregado em razão da sua recorrência nas entrevistas – diz respeito a um processo de sistematização mais bem estruturada da relação com o conhecimento que acaba por se materializar na produção da tese, algo pouco incentivado no contexto da atuação não acadêmica, no âmbito do qual a publicização do saber é bem menos valorizada do que na área acadêmica.

Essa percepção de que o processo de doutoramento contribuiu para formalizar academicamente o trabalho desenvolvido na atuação (fora da academia) apareceu associada a basicamente duas dimensões da vida de trabalho: a fundamentação teórica do trabalho como psicólogo e o desenvolvimento de instrumentais técnicos para subsidiar a atuação. Os dois trechos de fala citados na sequência foram escolhidos em função de serem ilustrativos do modo como os egressos visualizam a correlação entre suas experiências doutorais em cada uma das duas aludidas dimensões.

O fato de eu ter tido essa autorização, a partir desse lugar da minha pesquisa no doutorado, eu acho que permitiu que eu falasse do trabalho, que eu pudesse transmitir o trabalho de uma forma, vamos dizer assim, com propriedade, com rigor, com fundamento. Foi possível também fundamentar esse trabalho. Então, eu acho que permitiu essa formalização ..., tanto na sua vertente clínica quanto na parte teórica – porque tem uma parte teórica grande na minha tese de doutorado – permitiu construir essa fundamentação do trabalho que dá certo rigor a ele (Lygia).

No doutorado eu tive a ideia de trabalhar com expressões faciais e fazer uma tarefa pra medir as micro e as macro expressões faciais e o quanto as pessoas conseguem ler isso e acertar. Então, eu fiz essa tarefa e uso ela no consultório como linha de base. O meu interesse na pesquisa sempre foi ligado à clínica.

No mestrado, que eu trabalhava com muitas crianças com disfunção executiva.... Então, eu fui trabalhar com disfunção executiva porque eu precisava entender isso e avaliar isso no consultório. E no doutorado, também teve esse outro fator. Porque eu falei assim: “Eu preciso de um instrumento, esse instrumento não existe, e eu vou fazer” (Jorge).

Enfim, a análise dos resultados acerca dos impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica permite alargar a compreensão das experiências da formação doutoral para além do que comumente encontramos de problematização no âmbito da literatura de egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira, preponderantemente composta por investigações interessadas em compreender as implicações da formação sobre a inserção e o desenvolvimento profissional em trajetórias acadêmicas. A despeito da configuração do doutorado acadêmico estar fortemente

atrelada a uma formação para a atuação em atividades peculiares à carreira de magistério superior (especialmente, ensino e pesquisa), há que se levar em conta as repercussões que anos investindo no desenvolvimento de competências ligadas à sistematização, produção e comunicação do conhecimento têm para sujeitos cuja relação com o saber cumpre uma função tão significativa no âmbito de suas construções identitárias.

Eu sempre gostei muito e sempre me dei muito bem com a escrita e com a pesquisa. Então, pra mim, tem um valor pessoal; seria um valor estético de ser doutor, de fazer o doutorado. Eu gosto muito que isso faça parte da minha vida independente de um projeto profissional específico (Ariano).

No trecho acima, Ariano enuncia de maneira precisa o que aparece, ainda que menos explicitamente, em grande parte das narrativas dos demais participantes da investigação. A noção de “valor estético”¹⁴ do doutoramento, à qual o egresso faz menção, expressa certamente um impacto psicossocial importante na construção da carreira, ainda que pouco tangível objetivamente. O que consideramos decisivo frisar é que os ganhos na carreira oriundos dessa categoria de impacto, diferentemente de outros apontados no decorrer desta exposição, independem das características da inserção na vida de trabalho pós-doutoramento ou mesmo da conjuntura estrutural apresentada pelo mundo do trabalho, o que se evidencia pela constatação de que, em maior ou menor medida, perpassa trajetórias estabelecidas em distintos contextos de atuação.

6 Considerações finais

Compreender os impactos psicossociais do doutoramento sobre a carreira de psicólogos egressos de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, em termos de aspectos como inserção na vida de trabalho, projetos de vida de trabalho e construções identitárias de trabalho, foi o objetivo principal perseguido por este estudo. A pesquisa aqui apresentada permitiu evidenciar que, como mostra a literatura, a titulação doutoral exerce um efeito importante sobre o alargamento das perspectivas de inserção na vida de trabalho acadêmico, sobretudo no âmbito de

¹⁴ Embora passível de ser interpretado à luz de inúmeras significações teóricas e filosóficas, não há indícios de que o termo “estético” tenha sido empregado pelo entrevistado em uma acepção teórico-conceitual, e sim com o sentido consagrado pelo uso corrente desse adjetivo na linguagem ordinária, qual seja o de um adjetivo relativo ao sentimento do que é belo e harmonioso, segundo o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2001). Tal constatação advém de uma análise completa da entrevista, no âmbito da qual fica explícita a visão do participante acerca de como a titulação doutoral, por tudo o que ela representa, dispõe de um valor simbólico importante para viabilizar o acesso a certos patamares de reconhecimento no campo da atividade intelectual.

instituições públicas que exigem o doutorado como requisito mínimo para investidura no cargo de docência do ensino superior.

Entretanto, foi possível também constatar que tal efeito vem sendo mitigado por processos de precarização das condições de trabalho na área acadêmica, o que vem possibilitando no Brasil, em especial ao longo dos últimos dez anos, uma considerável retração na criação de novos postos de trabalho em decorrência da diminuição do investimento público em políticas de ampliação do acesso ao ensino superior e de reestruturações organizacionais, sobretudo no setor privado, com o propósito de contenção de gastos e enxugamento do quadro de pessoal. Essas constatações, como tivemos a oportunidade de discutir, sinalizam os impactos que o espraiamento de políticas e princípios de viés neoliberalizante na educação superior passam a ter, de maneira cada vez mais intensa, sobre aspectos da vida de trabalho daqueles que já possuem ou buscam construir uma carreira no contexto acadêmico.

No que diz respeito aos impactos do doutoramento sobre os projetos de vida de trabalho, este estudo corrobora o que a literatura vem apontando em relação à principal motivação que leva algumas pessoas a buscarem pela pós-graduação *stricto sensu*, que é a conquista de uma inserção na vida de trabalho acadêmica. Apesar disso, ao nos distanciarmos de uma análise mais generalista e quantitativa a respeito dessa questão e nos aprofundarmos nas narrativas que revelam a dimensão psicossocial envolvida na construção das trajetórias de vida de trabalho, deparamo-nos com uma série de fatores de ordem social, pessoal e circunstancial que atravessam os direcionamentos que os egressos conferem às suas carreiras pós-titulação.

Tivemos também a oportunidade de problematizar a questão dos impactos psicossociais do doutoramento na vida de trabalho de egressos que optam por uma trajetória de atuação alheia à área acadêmica. Nesse caso, verificamos que, do ponto de vista de aspectos mais objetivos da carreira (empregabilidade, renda e progressão funcional), as repercussões da titulação são particularmente modestas e somente se fazem sentir em contextos organizacionais específicos de trabalho, como no caso de instituições que dispõem de um plano de carreira que valoriza a formação continuada como parâmetro de ascensão na estrutura de cargos. Não obstante, constatamos que a principal ressonância da experiência de formação proporcionada pelo doutorado na vida de trabalho fora da academia se faz sentir sobre a dimensão da construção

identitária de trabalho dos egressos, isto é, na maneira pela qual passam a se enxergar como psicólogos mais autorizados em face do saber que guia suas condutas profissionais.

Em suma, este artigo evidencia que os impactos psicossociais gerados pela experiência doutoral transcendem a esfera específica de atuação ou a área de trabalho pós-titulação. Isso porque os sentidos atribuídos aos ganhos proporcionados pelo doutoramento não se circunscrevem à dimensão estritamente profissionalizante das trajetórias de vida de trabalho, mas abrangem também componentes ligados a aspectos muito mais profundos, ligados não só às dimensões objetivas da carreira, mas à própria construção identitária de trabalho.

A realização de novos estudos envolvendo egressos de outras áreas, programas e/ou instituições, poderá proporcionar elementos para que as sinalizações analíticas apontadas por este artigo sejam examinadas, ampliadas e aprimoradas. Há muito o que se avançar na produção de investigações voltadas à pós-graduação *stricto sensu* brasileira, mas acreditamos ter conseguido sinalizar, mediante os resultados proporcionados por esta pesquisa, o amplo espectro de questões que aguardam por serem exploradas no campo de interface entre formação pós-graduada e mundo do trabalho.

Referências

ALMEIDA, K. N. C. **A pós-graduação no Brasil: história de uma tradição inventada**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ALVES, M. F.; OLIVEIRA, J. F. Pós-graduação no Brasil: do regime militar aos dias atuais. **Revista Brasileira de Política e Administração**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 351-376, 2014.

ANDRADE, D. P.; CÔRTEZ, M.; ALMEIDA, S. Neoliberalismo autoritário no Brasil. **Caderno CRH**, Salvador, v. 34, p. 1-25, 2021.

BARBOSA, D. M. M. *et al.* Análise do perfil dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Medicina (Radiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Radiologia Brasileira**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 121-124, 2009.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 9 out. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 3, de 14 de outubro de 2010**. Regulamenta o Art. 52 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dispõe sobre normas e procedimentos para

credenciamento e credenciamento de universidades do Sistema Federal de Ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=75871-rces003-10-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 9 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.863, de 24 de setembro de 2013**. Altera a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12863.htm. Acesso em: 9 out. 2024.

BRASIL. **Medida Provisória nº 614, de 14 de maio de 2013**. Altera a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal; altera a Lei nº 11.526, de 4 de outubro de 2007. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Mpv/mpv614.htm#:~:text=MEDIDA%20PROVIS%C3%93RIA%20N%C2%BA%20614%2C%20DE%2014%20DE%20MAIO%20DE%202013.&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.772,2007%3B%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 9 out. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9235.htm. Acesso em: 9 out. 2024.

CHARLES, L. F. J. **Formação acadêmica e mercado de trabalho**: destinos profissionais de doutores em Psicologia. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CIRANI, C. B. S.; CAMPANARIO, M. A.; SILVA, H. H. M. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 163-187, 2015.

COHEN, L.; DUBERLEY, J.; MALLON, M. Social constructionism in the study of career: accessing the parts that other approaches cannot reach. **Journal of Vocational Behavior**, Amsterdam, v. 64, p. 407-422, 2004.

EVANS, L. The scholarship of researcher development: mapping the terrain and pushing back boundaries. **International Journal for Researcher Development**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 75-98, 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio do Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HORTALE, V. A. *et al.* Trajetória profissional de egressos de cursos de doutorado nas áreas da saúde e biociências. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 1-9, 2014.

KAUFMANN, J.-C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KNABEM, A.; RIBEIRO, M. A.; DUARTE, M. E. Early Career Construction for Brazilian Higher Education Graduates: Trajectories and Working-Life Projects. *In*: COHEN-SCALI, V.; ROSSIER, J.; NOTA, L. (orgs.). **New perspectives on career counseling and guidance in Europe**: building careers in changing and diverse societies. Switzerland: Springer International Publishing, 2018. p. 105-118.

LEONARD, D. *et al.* **Review of literature on the impact of working context and support on the postgraduate research student learning experience**. Nova Iorque: The Higher Education Academy, 2006.

LOPES, R. C. Prática de omissão de titulação no currículo: um estudo entre pós-graduandos e pós-graduados. **Revista Antropológicas**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 167-198, 2021.

MAROY, C. A análise qualitativa de entrevistas. *In*: ALBARELLO, L. *et al.* **Práticas em métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 117-155.

MCALPINE, L.; AMUNDSEN, C. **Identity-trajectories of early career researches**: Unpacking the Post-PhD Experience. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

MELLO, G.; ROSSI, P. Do industrialismo à austeridade: a política macro dos governos Dilma. *In*: CARNEIRO, R.; SARTI, F.; BALTAR, P. (orgs.). **Para além da política econômica**. São Paulo: Editora Unesp. 2018. p. 245-282.

PAUL, J.-J. Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 309-326, 2015.

RIBEIRO, M. A. **Carreiras**: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado. Curitiba: Juruá, 2014.

SANTOS, P. P. Expansão da Pós-Graduação no Brasil: análise da estrutura das estratégias da meta 14 do Plano Nacional de Educação (2014-2024). **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, Brasília, DF, v. 5, p. 149-179, 2021.

SILVA, T. C.; BARDAGI, M. P. O aluno de pós-graduação stricto sensu no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 12, n. 29,

p. 683-714, 2015.

VELLOSO, J. **A pós-graduação no Brasil:** formação e trabalho de mestres e doutores no país.
v. 1. Brasília, DF: CAPES, 2002.

VELLOSO, J. **A pós-graduação no Brasil:** formação e trabalho de mestres e doutores no país.
v. 2. Brasília, DF: CAPES, 2003.

WEBER, S. Estudo e situação de trabalho de mestres titulados no período 1990-1999. *In:*
VELLOSO, J. (org.). **A pós-graduação no Brasil:** formação e trabalho de mestres e doutores no
país. Brasília, DF: CAPES, 2003. v. 2. p. 245-264.